

**FACULDADE UNINA
CURSO DE PEDAGOGIA**

RAFAELA DE CÁSSIA MENDES CHAVES

**O DESENVOLVIMENTO MORAL NAS PERSPECTIVAS DE PIAGET, KOHLBERG
E GILLIGAN**

**CURITIBA
2020**

RAFAELA DE CÁSSIA MENDES CHAVES

**O DESENVOLVIMENTO MORAL NAS PERSPECTIVAS DE PIAGET, KOHLBERG
E GILLIGAN**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Faculdade UNINA

Orientador: Prof^a. Dra. Yara R. de La
Iglesia

**CURITIBA
2020**

FACULDADE UNINA
ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 09/11/2020, reuniu-se a banca para a defesa da monografia de conclusão de curso de Pedagogia, da acadêmica: RAFAELA DE CÁSSIA MENDES CHAVES intitulada: **O DESENVOLVIMENTO MORAL NAS PERSPECTIVAS DE PIAGET, KOHLBERG E GILLIGAN**. A banca examinadora, sob a presidência da Prof.^a Dra. Yara R. de la Iglesia, foi constituída pelos (as) professores (as) Dra. Wilma de Lara Bueno e pelo Dr. Eduardo Soncini Miranda. Após exposição oral, a candidata foi arguida pelos componentes que analisaram o trabalho e decidiram pela sua **Aprovação** com a nota **100**. Para constar foi lavrada a presente Ata que depois de lida e aprovada vai assinada pelos membros da banca.

Observações: _____

Yara R. de la Iglesia

Wilma de Lara Bueno

Eduardo Soncini Miranda

Rafaela de Cássia Mendes Chaves

Curitiba 30 de novembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer primeiramente à minha avó, por desde muito cedo não medir esforços em prol do meu bem-estar e por se dedicar em acompanhar meus passos, mesmo que esses atravessem o Brasil. Agradeço a ela por compartilhar tanta sabedoria comigo, por me dar todo o apoio e suporte, por se fazer presente em todos os momentos da minha vida, és minha base e meu porto seguro.

Ao meu saudoso avô, (*in memorian*) que juntamente com minha avó dedicou-se a mim, não poderia deixar de agradecer pelos ensinamentos, principalmente por ter grande contribuição na minha alfabetização. Agradeço por ter compartilhado um pouquinho da sua enorme sabedoria e por me fazer acreditar no poder da educação.

À minha amiga Renata, por não medir esforços em me dar apoio no decorrer desses anos, pelas palavras de conforto e pela amizade incondicional.

Às minhas amigas de curso e de vida, Diovana e Grazielle por compartilharem experiências que nos fizeram crescer não apenas profissionalmente, mas em todos os aspectos, pelo companheirismo durante esses últimos anos, vocês são parte importante nisso.

Às minhas amigas Amanda, Leticia, Luiza e Thaiany por todos os momentos de acolhimento e de incentivo, são meus exemplos de mulheres fortes.

À professora Yara, por ter me orientado com tamanha dedicação, pelas revisões, pela paciência e por ter se envolvido tanto quanto eu nesse trabalho de pesquisa. Agradeço a sua valiosa contribuição, és minha inspiração como profissional.

Meu agradecimento especial ao meu amigo Eduardo por ser meu fiel companheiro, meu ombro amigo e por me estender à mão nas inúmeras vezes que pensei em desistir.

À minha querida família por todo o apoio emocional e financeiro, que me fizeram chegar aqui, em especial ao Adriano e à Dominique, sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço a todos que participaram direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, de certa forma contribuíram para a minha formação acadêmica e enriqueceram o meu processo de aprendizagem.

“A determinação essencial da filosofia moral era ajudar exatamente o ser humano a conduzir uma vida em consciência”.

(Habermas)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o desenvolvimento da moral a partir da perspectiva cognitivo-desenvolvimental. Constitui-se como uma pesquisa qualitativa realizada por meio de revisão bibliográfica. O estudo permitiu constatar que o enfoque cognitivo-desenvolvimental tem sido, sem dúvidas, o enfoque dominante no estudo do desenvolvimento moral nas últimas décadas. Esta perspectiva entende o desenvolvimento moral associado com componentes cognitivos. Dentro dessa abordagem encontramos dois autores que exerceram grande influência na pesquisa sobre o desenvolvimento da moral: Jean Piaget (1896-1980) e Lawrence Kohlberg (1927-1987). Ambos os autores encontram um amplo apoio empírico. No entanto, a teoria de Kohlberg tem sido questionada por Carol Gilligan (1936-atualmente), precursora das discussões sobre as diferenças de gênero no campo da psicologia moral. Apesar de não ter elaborado uma teoria com níveis de desenvolvimento moral a pesquisadora desenvolveu o conceito de ética do cuidado. Gilligan sugere que a teoria de Kohlberg não é adequada para avaliar as mulheres, visto que, as mulheres partem de uma estrutura de raciocínio moral que prioriza o cuidado e o bem-estar do outro, definido como a ética do cuidado. Conclui-se que é fundamental para o campo da Pedagogia a discussão sobre o desenvolvimento da moral dentro da abordagem estudada, porque estes conhecimentos podem contribuir para a intervenção na prática pedagógica e para o aprimoramento da formação docente.

Palavras-chave: Desenvolvimento Moral. O juízo Moral. A Ética do Cuidado.

ABSTRACT

The present work aims to understand moral development from a cognitive-developmental perspective. It constitutes qualitative research carried out through bibliographic review. The study found that the cognitive-developmental focus has been, undoubtedly, the dominant approach in the study of moral development in recent decades. This perspective understands the moral development associated with cognitive components. Within this approach, we find two authors who exerted great influence on research on the development of morals: Jean Piaget (1896 - 1980) Lawrence Kohlberg (1927 - 1987). Both authors find broad empirical support. However, Kohlberg's theory has been questioned by Carol Gilligan (1936 – at present), a precursor to discussions about gender differences in the field of moral psychology. Despite not elaborating a theory with levels of moral development, the researcher developed the concept of care ethics. Gilligan suggests that Kohlberg's theory is not suitable for evaluating women, since women start from a structure of moral reasoning that prioritizes the care and well-being of others, defined as the ethics of care. We conclude that it is fundamental for the field of Pedagogy to discuss the development of morals within the approach studied because this knowledge can contribute to the intervention in pedagogical practice and the improvement of teacher training.

Keywords: Moral Development. Moral judgment. The Ethics of Care

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| CAPÍTULO 1 - O JUÍZO MORAL NA PERSPECTIVA PIAGET | 9 |
| 1.1 CONCEITO DE MORAL | 9 |
| 1.2 OS ESTÁGIOS E REGRAS NA PRÁTICA DO JOGO DE BOLINHAS DE GUDE..... | 12 |
| CAPÍTULO 2 - O JUÍZO MORAL SEGUNDO LAWRENCE KOHLBERG | 15 |
| 2.1 CONCEITO MORAL..... | 15 |
| 2.2 NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO MORAL | 17 |
| CAPÍTULO 3 - O DESENVOLVIMENTO DO JUÍZO MORAL SEGUNDO CAROL GILLIGAN | 21 |
| 3.1 ÉTICA DO CUIDADO <i>VERSUS</i> ÉTICA DA JUSTIÇA | 21 |
| 3.2 ORIENTAÇÕES MORAIS E SUA RELEVÂNCIA PARA A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL..... | 27 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que regras estão presentes em nossa sociedade, especialmente as regras morais, que são entendidas desde diferentes perspectivas como leis invisíveis. São essas mesmas regras que servem de modelo de como devemos nos comportar na sociedade em que estamos inseridos. Essas regras não estão escritas em um manual, no entanto, a literatura aponta que é por meio da socialização que a criança aprende e interioriza as regras básicas da sociedade, bem como, os modelos comportamentais do grupo ao qual pertence.

Como internalizamos essas regras morais? Com que idade aprendemos o que é certo ou errado? Essas e outras perguntas acompanharam minha vida desde que tomei consciência da minha existência e da presença dessas regras morais. Foi pensando nos conflitos morais atuais e nos aspectos que cerceiam essa problemática, e em especial a escola, o que me levou a querer aprofundar o estudo sobre o desenvolvimento moral.

Sabe-se que o tema da moralidade acompanha desde sempre as questões educativas, mas apesar de diversos autores abordarem esse tema, o estudo sistemático do desenvolvimento moral só teve início com Jean Piaget, na publicação do seu livro, - o *juízo moral na criança* -, publicado em 1932.

Diante do exposto, esse trabalho se propõe a responder a seguinte pergunta: É possível desenvolver a moral? Na tentativa de responder esta pergunta se traçou o seguinte objetivo geral: compreender o desenvolvimento moral a partir da perspectiva cognitivo-desenvolvimentista, e como objetivos específicos: explicar o desenvolvimento moral desde a perspectiva teórica de Jean Piaget; descrever o desenvolvimento moral a partir da teoria de Lawrence Kohlberg; apresentar o desenvolvimento do juízo moral, segundo Carol Gilligan.

A escola é a primeira instituição fora do âmbito familiar onde, na maioria das vezes, se iniciam contatos com valores e princípios morais que se diferem do que foi aprendido no contexto familiar. Nesse sentido, entende-se que esse tema é de extrema relevância, pois todos as pessoas convivem de alguma maneira com regras, normas sociais e necessitam saber como comportar-se em sociedade. E, acima de tudo, entender a construção moral, como uma dimensão humana.

Este trabalho realizou-se por meio de uma pesquisa bibliográfica seletiva, conta com contribuições de grandes autores: Jean Piaget (1896-1980) e Lawrence Kohlberg

(1927-1987) que compreendem a moral com um caráter universalista, em que o foco se direciona para a dimensão racional, fazendo associação da moral à princípios e valores de igualdade, reciprocidade e justiça. Também se abordará as contribuições de Carol Gilligan (1936 - atualmente) e o conceito da ética do cuidado.

O primeiro capítulo traz contribuições significativas de Jean Piaget que, apesar da moral de não ser o foco do seus estudos, deixou uma grande contribuição a psicologia moral. O capítulo divide-se em dois subcapítulos: o primeiro compreende a concepção da moral na perspectiva de Piaget; já o segundo se refere aos estágios e regras na prática do jogo de bolinhas de gude. O autor distingue dois tipos de orientação moral: a heterônoma, radicada na obediência, no constrangimento e no respeito unilateral e a autônoma, centrada na cooperação e no respeito mútuo.

O segundo capítulo apresenta a teoria de Lawrence Kohlberg que dá continuidade aos estudos de Piaget. Este capítulo se divide em dois subcapítulos: o primeiro apresenta o conceito de moral, segundo Kohlberg; já o segundo, o autor exhibe a moral dividida por estágios evolutivos e sequenciais, divididos em três níveis e seis estágios de desenvolvimento moral que perpassam o espaço de heteronomia e autonomia.

O terceiro capítulo retoma os estudos anteriores, mas com um novo direcionamento e contrapondo alguns argumentos de Kohlberg. O capítulo apresenta uma nova ótica da moral oferecida por Carol Gilligan e se divide em dois subcapítulos: o primeiro apresenta o conceito de Ética de Cuidado e a sua diferença com a Ética da Justiça; já no segundo, a autora se opõe às concepções de inferioridade moral atribuídas às mulheres por Piaget e Kohlberg, sugerindo uma transformação da sociedade patriarcal.

E, o último capítulo apresenta as conclusões e considerações finais.

CAPÍTULO 1 - O JUÍZO MORAL NA PERSPECTIVA PIAGET

Neste primeiro capítulo apresenta-se o estudo da moral desde a perspectiva de Jean Piaget. O autor relaciona o conceito de orientação moral com a capacidade que os indivíduos apresentam na avaliação e na resolução do que constitui um problema moral. Piaget procurou estudar não o ato, mas o julgamento do valor moral, como a criança avaliava o comportamento.

Na linha piagetiana distinguem-se dois tipos de orientação moral, a heterônoma, radicada na obediência, no constrangimento e no respeito unilateral e a autônoma, centrada na cooperação e no respeito mútuo.

1.1 CONCEITO DE MORAL

O tema da moralidade acompanha desde sempre as questões educacionais, durante muito tempo o objetivo da educação foi o de inculcar as normas morais nas crianças e jovens. Atualmente, enfoques diferentes do desenvolvimento moral coexistem e fundamentam pesquisas na área da psicologia e da educação. Segundo La Taille (2006) a Psicologia Moral é uma ciência preocupada em desvendar por quais processos mentais uma pessoa chega a intimamente legitimar, ou não, regras, princípios e acima de tudo, valores morais. Neste trabalho optou-se por priorizar o enfoque cognitivo desenvolvimental pela relevante contribuição desses teóricos no campo da educação.

Os conceitos de moral e de ética podem trazer variações na literatura, além de, algumas vezes, também serem tratados como sinônimos. Ambos os conceitos podem ser entediados como “um conjunto de regras de conduta consideradas como obrigatórias. A presença de dois vocábulos é explicada pelas suas origens do latim e do grego” (LA TAILLE, 2006, p. 25). Assim, ambas as palavras, ética e moral, mantêm uma relação de afinidade etimológica, mas diferem no conceito. Em suma, a ética seria a teoria; a moral, o objeto dessa teoria, como uma ciência específica e seu objeto de estudo. Para La Taille (2002, p. 136): “do ponto de vista do querer fazer, a moral exige um certo tipo de querer: o dever. É dever moral aquilo que aparece para a pessoa como “algo que não pode não ser feito”, porque é um bem em si mesmo. A moral remete, portanto, à dimensão da lei, da obrigatoriedade”.

Em razão da especificidade dessa pesquisa, mesmo entendendo que a discussão sobre a conceituação de ética e moral merecem cuidado e atenção, entende-se que para os propósitos deste trabalho os conceitos apresentados por Vázquez sejam suficientes “ética é a ciência da moral” (VÁSQUEZ, 2003, p. 23), enquanto “moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade” (VASQUEZ, 2003, p. 84).

Apesar da discussão sobre a moral ter feito parte do processo educativo como prática, o estudo sistemático do desenvolvimento moral só teve início com Jean Piaget , por meio da publicação do seu livro - *Le jugement moral chez l'enfant* -, publicado em 1932 (DELVAL; ENESCO, 1994), que foi traduzido ao português como - *O julgamento moral da criança* -, tornando-se um clássico na área da psicologia moral.

Piaget dedicou a maior parte de sua vida a explicar como os seres humanos aprendem, além de construir uma teoria do conhecimento, ele aspirava estabelecer uma teoria sobre a moral. Da mesma forma que tentou aclarar como funcionam as estruturas mentais e como essas estruturas são construídas nas trocas incessantes entre o organismo e o meio, ele criou uma teoria sobre o desenvolvimento da moral (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1997). O autor procurava explicar como a partir do mundo amoral do bebê é possível ao ser humano constituir uma consciência moral autônoma (FREITAS, 1999).

Apesar de não ter aprofundado em suas pesquisas, Piaget é considerado o precursor no estudo da moralidade, que é definida pelo autor “como um sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (1994, p. 23). Dito de outra forma, “a dimensão moral do desenvolvimento psicológico refere-se ao respeito, por parte do indivíduo, pelas regras sociais e ao desenvolvimento do sentido de justiça no sentido da reciprocidade e da igualdade (COIMBRA, 1990, p. 31).

Ao contrário de Durkheim, que defendia que a essência da Educação Moral era ensinar as crianças a obediência às regras morais da sociedade e ao bem da mesma. “Piaget, em seu estudo, procurou entender como as crianças desenvolvem o respeito pelas regras e qual a concepção de Reciprocidade e Igualdade entre os indivíduos e com a sociedade, e mais ainda, como se constroem esses conceitos de regras e de respeito mútuo” (QUEIROZ; LIMA, 2010, p.110)

Nesse sentido, o autor encontra no jogo de regras um campo propício para questão de como é possível a aquisição de uma consciência autônoma. As regras do jogo, como as regras morais “se transmite de geração em geração e se mantêm unicamente graças ao respeito que os indivíduos têm por elas” (PIAGET, 1992, p. 2). Sendo assim, busca compreender o juízo moral desde a perspectiva da criança, descrevendo as regras morais que ocorrem enquanto elas jogam.

Os trabalhos de Jean Piaget no que se refere a moralidade foram realizados nos finais dos anos 1920. A observação do comportamento das crianças enquanto jogavam com bolinhas de gude¹ e a realização de entrevistas tanto sobre a consciência das regras como sobre as razões e as justificativas dadas pelas crianças a problemas morais - intenção da ação, mentira, castigo, justiça -, fizeram de Piaget, uma referência mundial para as pesquisas em moralidade (COIMBRA, 1990).

Para Piaget o que interessava eram as justificativas dadas pelas crianças ao responder suas indagações, dentro da psicologia esta metodologia é conhecida como entrevista clínica. Segundo Piaget (1992):

[...] consiste sempre em conversar livremente com o sujeito, em vez de limitá-lo às questões fixas e padronizadas. Ele conserva assim, todas as vantagens de uma conversação adaptada a cada criança e destinada a permitir-lhe o máximo possível de tomada de consciência e de formulação de suas próprias atitudes mentais (p. 176).

Para o pesquisador não interessava o número de respostas corretas, mas as justificativas dadas que as crianças davam ao responder suas perguntas.

Para Coimbra (1990) o princípio fundamental na teoria de Piaget, era de que o conhecimento, pensamento e o afeto se desenvolvem por vias paralelas, e que o juízo moral representa um processo cognitivo que se desenvolve naturalmente.

A primeira ideia que Piaget nos apresenta pode hoje parecer banal mas era totalmente nova no início do século passado: há um desenvolvimento do juízo moral infantil antes pensava-se (e alguns ainda pensam) bem que a moral era fruto de uma aprendizagem, esta entendida como mera interiorização dos valores da sociedade e memorização de suas regras. Assim haveria, na trajetória moral da criança, apenas dois momentos: aquele no qual ela ainda não sabe nada da moral vigente, e, em seguida, aquele no qual a aprendizagem moral já ocorreu. O que Piaget vai defender, e provar, é que, longe de a moralidade infantil resumir se há uma interiorização

¹ Traça-se no chão um quadrado, dentro do qual se colocam algumas bolinhas; o jogo consiste em atingi-las de longe e fazê-las sair desse quadrado.

passiva dos valores, dos princípios das regras, ela é o produto de construções endógenas, ou seja, o produto de uma atividade da criança que, em contato com o meio social, ressignifica os valores, os princípios e as regras que lhe são apresentadas. A ressignificação possui características que dependem das estruturas mentais já construídas. (DE LA TAILLE, 2007, p. 96)

A crença que a maioria dos psicólogos da época tinham era que o pensamento moral era uma função de outros processos sociais e psicológicos mais básicos. Para Freud, por exemplo, a moral fazia parte do inconsciente e estava controlado pelo Superego². O pensamento moral, em sua teoria, não era um processo autônomo e racional, como afirmava Piaget.

1.2 OS ESTÁGIOS E REGRAS NA PRÁTICA DO JOGO DE BOLINHAS DE GUDE

Piaget apresenta uma proposta sobre o juízo moral do ponto de vista da criança e descreve as regras morais que se estabelecem durante jogo de bolinhas de gude. Recordando que para o autor “toda moral consiste num sistema de regras, sendo de a essência da moralidade estudar o respeito que o indivíduo vai adquirindo por essas mesmas regras” (PIAGET, 1994, p.1). “Piaget parte do pressuposto de que os sujeitos têm uma estrutura de pensamento coerente, constroem representações da realidade à sua volta e revelam isto nas respostas às entrevistas ou em suas ações se for esta a proposta do método no momento”. (QUEIROZ; LIMA, 2010, p. 113-114)

De acordo com o Piaget (1994) se observou quatro estágios durante o jogo de bolinhas de gude, que serão descritos a seguir:

- a) O Primeiro estágio: vai aproximadamente até os 2 anos de idade e define-se como motor e individual, representando o estágio em que a criança usa as bolinhas apenas para a exploração. Utiliza-as como objeto para estabelecer algum processo de ritualização e de adaptação. Não há regras e leis, elas simplesmente jogam, resumindo-se basicamente em uma atividade motora, pois, não há nenhuma consciência de regras.

² A teoria freudiana considera o superego como um agente moral e crítico que atua como um juiz que além de dominar e controlar o ego, ainda o deprecia frequentemente. Apesar de ser fruto do Id, o superego também é juiz do Id e é tido como zelador da moral e dos bons costumes. Para Freud, o superego é simultaneamente parte da estrutura que constitui a personalidade e crítico da mesma.

- b) Segundo estágio: acontece por volta dos 2 a 6 anos de idade e tem como marcante característica o egocentrismo Infantil³ e o prazer psicomotor. A criança percebe a existência de regras e as aceita, pois são vindas de adultos ou de crianças mais velhas, e, por isso, tornam-se invioláveis. Elas não aceitam quaisquer alterações, pois, creem, cegamente, que sabem o que acabaram de aprender. Para Piaget, isso se dá por haver uma desorganização da memória até os 7 anos de idade aproximadamente. Quando o pesquisador joga com as crianças, ele muda as regras, as crianças a princípio discordam para em seguida aceitá-las. De acordo com Piaget as crianças não percebem a mudança, porque nesse estágio imitam os outros quando jogam. Acreditam estar envolvidas no jogo, mas jogam como se estivessem sozinhas, mesmo existindo outros companheiros.
- c) Terceiro estágio: ocorre aproximadamente entre os 7 e 12 anos e se caracteriza como o início da cooperação. Neste estágio, a criança além de conhecer as regras, as aceita, desde que exista um consenso com o grupo. No entanto, Piaget concluiu que elas jogam juntas e com um vasto campo de regras ao mesmo tempo. As crianças vigiam-se para certificar-se de que todos estão cumprindo as regras.
- d) Quarto estágio: compreende a idade de aproximadamente 11, 12 anos, em que finalmente a criança apresenta organização do pensamento e a autonomia. O adolescente joga pelo prazer da disputa e aceita que as regras não são fixas e podem mudar de acordo com o que for estabelecido pelo grupo.

Piaget salienta a importância da constituição das regras para o desenvolvimento moral na criança, afirmando que a moral se organiza em um sistema de regras. As pesquisas de Piaget (1994) possibilitaram determinar estágios do desenvolvimento moral. A seguir serão descritos os três estágios: anomia, heteronomia e autonomia moral.

³ "Em sua essência, é a inaptidão de aceitar pontos de vistas diferentes do eu, a criança não discerne seu eu do mundo físico e do mundo social, corresponde a fase pré-operatória do desenvolvimento cognitivo". (PIAGET, 1994, p.81)

- a) Anomia: A criança tem atitudes conectadas às necessidades básicas e em sua maioria há ligação moral, regras ou leis, e quando obedece a regras exteriores, é por ligação à prática habitual e não pela consciência moral de certo e errado.
- b) Heteronomia: Para a criança, seguir o certo é executar as regras, que são imutáveis, logo, o julgamento de errado é absoluto e não serão aceitas quaisquer outras interpretações, justificativas ou esclarecimentos.
- c) Autonomia: É a última fase do desenvolvimento moral, em que o indivíduo reflete sobre as regras e suas construções por meio da cooperação. Só então, surge a possibilidade de gerar novas regras por meio da determinação grupal.

Nesta abordagem as questões da moralidade apontam para o conceito de estágio e a noção de que existe uma sequência constante de reorganizações, relacionadas com a idade, que se traduzem na construção progressiva, qualitativamente diferenciada e ativa do sujeito como sujeito moral (COIMBRA, 1990).

No entanto, de acordo com Piaget (1994), o desenvolvimento moral não está totalmente vinculado à idade cronológica, nesse sentido, pode-se considerar que, nos adultos, a heteronomia convive com a autonomia se as formas de eles se relacionarem com os outros tiverem características heterônomas.

O trabalho de Piaget sobre a moralidade das crianças não se estendeu além das regras dos jogos e dos dilemas morais, “os dilemas morais apresentam situações de vida real onde se dá a oportunidade de escolha, seguido de um inquérito (entrevista) que busca levantar as razões das escolhas feitas” (QUEIROZ; LIMA, 2010, p. 123). Sua aspiração consistia em observar como ocorre a adaptação progressiva do sujeito às regras e à consciência que possui das mesmas, à medida que amadurece cronológica e cognitivamente.

Depois desses estudos iniciais ele continuou com o seu trabalho sobre o desenvolvimento do raciocínio lógico. O trabalho de descrever os níveis do desenvolvimento moral, como veremos a seguir, foram realizados por Lawrence Kohlberg.

CAPÍTULO 2 - O JUÍZO MORAL SEGUNDO LAWRENCE KOHLBERG

Este segundo capítulo traz uma análise do desenvolvimento moral na perspectiva de Lawrence Kohlberg. A teoria kohlberiana encontra-se dentro do campo de teorias cognitivo-desenvolvimentistas com grande influência dos estudos piagetianos.

O desenvolvimento moral também ocorre por estágios evolutivos e sequenciais, no entanto, estabelecidos e divididos em três níveis e seis estágios de desenvolvimento moral que perpassam o espaço de heteronomia e autonomia. A teoria de Kohlberg aponta para uma correlação entre o desenvolvimento cognitivo e moral e o resultado da interação entre o sujeito e o meio, tal qual a teoria Piagetiana.

2.1 CONCEITO MORAL

Para Bataglia, Morais e Lepre (2010, p. 26) “Kohlberg (1992) destaca que sua definição de moralidade e desenvolvimento moral deriva das definições de Hare (1982), para quem o centro da moralidade é a justiça ou os princípios de justiça”. Essa centralidade em justiça é herança de Piaget (1994) que define a moral baseada no respeito adquirido pelas regras.

O pensamento de Kohlberg está muito influenciado pelas ideias iniciais de John Dewey (1916/1932) e pela teorização dos estágios de Jean Piaget (1932). Como psicólogo do desenvolvimento, Kohlberg considera o desenvolvimento da estrutura cognitiva de uma pessoa, a maneira como a pessoa analisa e interpreta os dados e toma decisões acerca dos problemas pessoais e sociais (FRAENKEL, 1976, *apud* VALENTE, 2002, p.244).

A teoria kohlberiana se afasta do conteúdo da moral e busca se aproximar de como ela se desenvolve nas pessoas. Não há relevância na ideia do que é o certo ou o errado, mas sim como tomamos noção de certo e errado, o que a priori, aumenta na medida em que as crianças crescem. Mas a posteriori, sabe-se que essa noção é dependente do desenvolvimento das capacidades cognitivas:

A teoria kohlberiana é uma busca da definição científica e filosófica da moralidade, onde qualquer descrição da forma ou modelo de estrutura social é necessariamente dependente de estruturas cognitivas, assim como os afetos e as atitudes dos indivíduos também não podem ser distinguidos dessa

estrutura. Os motivos de uma ação moral têm também um elemento cognitivo formal. (LIMA, 2004, pag. 15).

Assim como sua teoria, Kohlberg (1992) “deixa claro que seus estágios são etapas de raciocínio de justiça, centrados em aspectos de retidão e não de emoções ou ações. O que aproxima à teoria piagetiana, já que passa pelo espaço heteronomia-autonomia, e traz certo distanciamento já que ele conceitua esses estágios de forma mais precisa” (KADOOKA; LEPRE; EVANGELISTA, 2015, p.1610). Kohlberg ao estudar os adolescentes percebeu que esses conceitos são insuficientes para compreender todos os tipos de raciocínio moral (LEPRE; MARTINS, 2009),

De acordo com Fini (1991) Kohlberg ao estudar o desenvolvimento moral e definir estágios, realizou pesquisas com crianças e jovens de diferentes nacionalidades e crenças, incluindo jovens de zona rural e urbana, utilizando um método de entrevistas inspirado em Piaget, apresentando dilemas morais, por sua vez hipotéticos, para serem analisados e julgados um por vez, de forma que os sujeitos pudessem justificar suas respostas. A autora ainda exemplifica:

Kohlberg apresentava aos sujeitos da pesquisa uma sequência de histórias ou dilemas morais hipotéticos destinados a colocar o indivíduo diante de um conflito entre a conformidade habitual a regras ou à autoridade em oposição a uma resposta utilitária ou de bem maior. Os dilemas apresentam conflitos entre padrões simultaneamente aceitos por grande parte da comunidade. (FINI, 1991, p. 62).

Como já foi apresentado, fica bastante evidente que Kohlberg (1992) utilizou como método o uso de dilemas em suas pesquisas, assim como Piaget, “tendo sua teoria o mesmo fundamento filosófico que o de Piaget, onde a justiça é o balizador em todas as suas pesquisas” (QUEIROZ; LIMA, 2010, p. 126).

O pesquisador utilizou o mesmo dilema, conhecido como o *Dilema de Heinz* em todas as suas pesquisas, com crianças e adultos, e até nas pesquisas interculturais, mudando apenas o conteúdo conforme a cultura, mas mantendo o dilema básico.

Numa cidade da Europa, uma mulher estava para morrer. Um medicamento descoberto recentemente por um farmacêutico desta cidade poderia salvar-lhe a vida. A descoberta deste medicamento tinha custado muito dinheiro ao farmacêutico, que agora pedia dez vezes mais por uma pequena porção deste remédio. Heinz, o marido da mulher que estava para morrer, procurou as pessoas conhecidas para que lhe emprestassem o dinheiro e assim poder

comprara o medicamento. Conseguiu juntar apenas a metade do dinheiro pedido pelo farmacêutico. Procurou-o então e contou-lhe que a mulher estava para morrer e pediu-lhe para vender o medicamento mais barato. Como alternativa, pediu para deixar levar o medicamento e que pagaria mais tarde a metade do dinheiro que lhe faltava. O farmacêutico lhe responde que não, que tinha descoberto o medicamento e que queria ganhar dinheiro com sua descoberta. Heinz, que tinha feito tudo ao seu alcance para comprar o medicamento ficou desesperado e pensou em assaltar a farmácia para roubar medicamento para sua mulher. (LOURENÇO, 1992, p. 86).

Em relação ao dilema moral – confronto entre o valor da vida e da propriedade privada –, as seguintes questões foram lançadas: Está correto Heinz de roubar a farmácia para salvar sua esposa? Por quê? Se a pessoa que estava para morrer não fosse sua mulher, mas um desconhecido? Heinz procederia da mesma forma? É importante que as pessoas façam tudo o que podem para salvar a vida de alguém? Por quê? Se você fosse a esposa de Heinz, gostaria que ele fizesse o mesmo por você?

O estudo sobre o desenvolvimento moral de Kohlberg nasceu em *Essays on Moral Development* (1981) e se concretizou em sua Tese de Doutorado, no ano de 1955. Esses estudos possibilitaram constatar uma sequência de estágios, entendendo que os estágios inferiores são menos complexos e são pré-requisitos dos estágios superiores. A seguir serão apresentados os diferentes níveis de desenvolvimento moral, segundo Kohlberg.

2.2 NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO MORAL

Kohlberg foi além de Piaget e estudou exaustivamente os estágios de desenvolvimento moral, mesmo estando de acordo com a ligação entre o desenvolvimento cognitivo e o raciocínio moral, propôs que o processo progressivo da moralidade heterônoma para a autônoma fosse mais longo do que Piaget apresentou. Além de considerar mais estágios, também considerou o início desse processo desde seis ou sete anos até a fase adulta. Deste modo, o processo estaria dividido em três níveis de desenvolvimento, com dois estágios cada um. (LYRA, 2009, pag. 608).

Os níveis de desenvolvimento moral estão correlacionados com o desenvolvimento cognitivo que dependem do aspecto social, para Lima (2004, pag. 15) “Kohlberg acreditava que uma parte essencial da estrutura de cada estágio era

sua perspectiva sociomoral, por isso confrontava a perspectiva cognitivo-evolutiva com a perspectiva da socialização no desenvolvimento moral”.

Coimbra (1990, pag. 32) destaca que na continuidade da linha piagetiana, o trabalho de Kohlberg é o trabalho mais significativo, pois foi através de um longo estudo com crianças e adolescentes que ele estabeleceu uma sequência de estágios de desenvolvimento moral, idênticos em todas as culturas.

Essas afirmações só se tornaram possíveis porque os estudos kohlberianos, além de estudos transversais, usando os dilemas morais, também implicaram estudos longitudinais durante 12 anos, com um grupo de 70 sujeitos, entrevistados a cada três anos, além dos estudos interculturais desenvolvidos em várias partes do mundo por sua equipe, como México, Israel, Turquia, Taiwan, Canadá (LIMA, 2004, pag. 16).

Para Silva (2003) Piaget estudou a vida moral até o início da adolescência, enquanto Kohlberg foi além, que compreende até o nível pleno da maturidade e da moral. São três níveis divididos em seis estágios: Nível I - Pré-convencional, Nível II - Convencional e Nível III - Pós-convencional. Cada um desses níveis, está dividido em dois estágios. Como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1.
Estágios de Desenvolvimento Moral de Kohlberg (Adaptado de Kohlberg, 1976)

| | |
|--|---|
| NÍVEL I: PRÉ-CONVENCIONAL | |
| Estágio 1 Moral heterônoma | Evitar quebrar normas com base na punição e na obediência e evitar danos físicos às pessoas e à propriedade. |
| Estágio 2 Propósito instrumental e troca | Seguir normas apenas quando for de interesse imediato de alguém; agir para satisfazer seus próprios interesses e necessidades e deixar que os outros façam o mesmo. |
| NÍVEL II: CONVENCIONAL | |
| Estágio 3 Expectativas interpessoais mútuas | Pôr em prática o que é esperado pelas pessoas próximas a você ou o que as pessoas geralmente esperam das outras, em seus papéis de filho, irmão, amigo etc. “Ser bom” significa manter relações mútuas, tais como confiança, lealdade e respeito. |
| Estágio 4 Ordem social | Cumprir os deveres reais com os quais você pactuou. As leis devem ser mantidas, exceto em casos extremos em que elas entrem em conflito com outros deveres sociais estabelecidos. |
| NÍVEL III: PÓS-CONVENCIONAL | |
| Estágio 5 Acordo social e consenso | Manter as normas relativas aos grupos, quando provenientes de um contrato social. Valores não-relativos e corretos, como a vida e a liberdade, deveriam ser mantidos em qualquer sociedade, indiferentemente da opinião da maioria. |
| Estágio 6 Princípios éticos universais | Seguir princípios éticos autoescolhidos. Quando as leis violam esses princípios, a pessoa deste estágio age de acordo com o princípio. Os princípios são universais de justiça: a igualdade dos direitos humanos e o respeito pela dignidade dos seres humanos. |

Fonte: GALVÃO; CAMINO (2011, p. 229)

Nível I – Pré-convencional esse nível “engloba a maior parte das crianças até os nove anos de idade, alguns adolescentes e grande número de delinquentes adolescentes e adultos.” (COIMBRA, 1990, p. 33). Neste nível não há um código moral

pessoal pois segue-se o que é dado por adultos e/ou mais velhos, ou o que se considera autoridade, e o julgamento de certo ou errado remete-se às consequências físicas. Em outras palavras, este nível pode ser considerado como a moralidade da punição e da obediência, as consequências físicas determinam o que está certo.

- I. Estágio I - Orientação para o castigo e a obediência: De acordo com Fini (1990, p. 63), “o padrão se concentra em prêmio ou castigo, o foco está em situações externas e físicas, que é delegado pela autoridade, pois o único ponto de vista relevante aqui é o da autoridade”, não há questionamentos, pois, tende-se a não aborrecer o superior.
- II. Estágio II – Individualismo ou hedonismo: Para Coimbra (1990, p.34) o raciocínio moral aqui pode ser definido como falsamente egoísta, poderá haver possibilidades de pensar no outro desde que haja reciprocidade ou garantias”. Essa reciprocidade ainda é de certa forma egoísta e mercantilista.

Nível II – Convencional. Segundo Lima (2004, p. 16) esse “é o nível em que se localiza a maioria dos adolescentes e adultos de nossa sociedade e de outras. O termo convencional designa conformidade e manutenção das regras sociais, é baseado na autoridade. Há expectativas ou acordos da sociedade”. Nesse nível, o indivíduo identifica-se com as regras e expectativas dos outros, principalmente das autoridades. “A orientação moral de correto liga-se a práticas e regras sociais já determinadas pelo o que se considera autoridade, que podem ser instituições ou pessoas reconhecidas socialmente” (BATAGLIA; MORAIS; LEPRE, 2010, p. 26).

- III. Estágio III – Moral de bom menino ou boa menina: Esse é o estágio do bom menino pois o sujeito que se encontra nele preocupa-se em fazer o que se espera dele, em ser bom para os que importam para ele, como pais, professores e chefes. O que importa é manter boas relações com os outros.
- IV. Estágio IV – Orientação para lei e ordem. Para Vale (2014) o quarto estágio é regulado pelas convenções sociais, como os costumes e normas que são estabelecidos e aceitos em sociedade.

Nível III – Pós-convencional, autônomo ou nível de princípios. Esse é o último nível do desenvolvimento da moral e para Macedo (2015, p.44) nesse estágio “o valor moral reside na conformidade do eu com modelos, direitos e deveres compartilhados

ou compartilháveis”. Compreende-se valores e princípios que sejam validos para todos e desligados de autoridades de que pessoas ou grupos possam exercer.

- V. Estágio V – Orientação para o contrato social. O sujeito não obedece às leis por se tratar de leis, há contestações às leis e aos costumes tradicionais, que podem causar situações de injustiças, logo deverão sofrer mudanças (MACEDO, 2015).
- VI. Estágio VI – Princípios universais de consciência. Há uma minoria de pessoas que alcança esse estágio, pois a orientação moral implica no respeito a si mesmo e o outro e isso leva em conta, principalmente o respeito pelos pontos de vista e interesses do outro. Busca-se princípios universais como a igualdade, a dignidade dos seres humanos, justiça, entre outros (LIMA, 2004).

O estágio do raciocínio moral, que certo indivíduo alcançou, é determinado por juízes que avaliam as respostas pessoais e hipotéticas - dilemas morais -, histórias em que o indivíduo é posto diante de uma escolha moral. Essas histórias são de natureza filosófica e envolvem questões de responsabilidade, de motivos ou intensões. O estágio de um indivíduo não é determinado pela natureza da escolha que ele faz diante ao referido dilema, mas antes com base nas razões que são apresentadas para essa escolha (VALENTE, 2002).

Como Piaget, Kohlberg não só entende que a progressão através desses estágios é sequencial e invariante, mas também que não são muitas as pessoas que alcançam os estágios mais elevados. O autor afirmou que só 10% dos americanos adultos raciocinam ao nível pós-convencional (VALENTE, 2002).

Ainda que o indivíduo não salte estágios, pode passar por eles mais depressa ou mais devagar, e pode encontrar-se, por um determinado tempo, dentro e fora de um determinado estágio. Para Kohlberg (1992), o desenvolvimento moral é a possibilidade de sair de uma postura inicial de obediência incondicional à autoridade (estágio I - do nível pré-convencional) e chegar ao ponto de basear as ações em princípios éticos universais internamente legitimados (estágio IV - do nível pós-convencional). Sendo assim, raciocinar num estágio mais elevado é moralmente melhor do que em um mais baixo.

Piaget e Kohlberg, propuseram uma teoria estrutural do desenvolvimento moral de caráter universal, tendo a noção de justiça como foco principal de seus trabalhos.

CAPÍTULO 3 - O DESENVOLVIMENTO DO JUÍZO MORAL

Este terceiro capítulo apresenta a ótica feminista para a psicologia do desenvolvimento moral, proposto pela filósofa e psicóloga, professora de Educação da Universidade de Harvard, Carol Gilligan.

A teoria Gilliginiana se opõe às concepções de inferioridade moral atribuídas às mulheres por Piaget e Kohlberg. Ao contrapor a teoria kohlberiana, Gilligan (1982) assim como outros seguidores de Kohlberg, também fizeram uso do mesmo dilema clássico utilizado por Kohlberg.

Baseando-se nos resultados obtidos em seus estudos a pesquisadora desenvolveu o conceito da ética do cuidado, contribuindo significativamente para discussões no que diz respeito às diferenças no desenvolvimento moral de homens e mulheres, evidenciando as duas orientações éticas que permeiam a existência e o processo de socialização humana.

3.1 ÉTICA DO CUIDADO *VERSUS* ÉTICA DA JUSTIÇA SEGUNDO GILLIGAN

Atualmente no campo da psicologia da Moral é inquestionável a contribuição de Piaget e Lawrence Kohlberg acerca do desenvolvimento moral, graças aos estudos realizados por ambos, houve um grande avanço no entendimento da formação moral. Os dois investigadores observaram os julgamentos morais de crianças acerca de dilemas morais, sendo que Kohlberg ainda ampliou seu interesse a adolescentes e adultos.

Enquanto pioneira no estudo sistemático da moral, a perspectiva cognitiva desenvolvimentista rendeu diversos seguidores e outros estudos, mas não está isenta de críticas. A psicóloga norte-americana Carol Gilligan, que segue essa perspectiva teórica, dirige sua crítica à ênfase que Kohlberg dá à justiça em sua teoria e propõe o cuidado e a responsabilidade como referência para se compreender o desenvolvimento da moralidade.

Carol Gilligan foi uma das precursoras das discussões sistemáticas das diferenças de gênero no campo da psicologia moral, apesar de não ter elaborado uma teoria com níveis de desenvolvimento moral, desenvolveu o conceito de ética do cuidado. De acordo com a pesquisadora, o estudo da moral tradicionalmente, tem

como parâmetro os comportamentos masculinos utilizados como regra para julgar os comportamentos e ações de mulheres.

Antes de abordar os argumentos de Gilligan sobre a teoria kohlberiana, é importante salientar que para Piaget, as meninas são mais condescendentes em suas atitudes quanto às regras, estão mais dispostas a fazer exceções e mais facilmente tolerantes a inovações.

Piaget surpreende-se com a organização que os meninos desenvolvem para compreender e praticar as regras do jogo, a ponto de assinalar esta como uma diferença básica entre meninos e meninas. Ao estudar o jogo com bolinhas de gude com o grupo de meninas, percebeu basicamente o mesmo desenvolvimento na estruturação das regras, evoluindo de um estágio egocêntrico, por tomar as regras como imutáveis, ao momento de discutir as regras com o grupo e decidir os procedimentos da situação. Faz a ressalva de que as meninas têm um espírito jurídico menos desenvolvido que os meninos. [...] Na verdade, Piaget julgou que todos os brinquedos das meninas eram muito simples e não possibilitavam as codificações da jurisprudência que construíram os meninos em seu jogo de bolinhas (LIMA, 2004, p. 2)

Nestes estudos e observações, Piaget se refere ao senso legal, essencial para o desenvolvimento moral. Para ele, este é menos desenvolvido nas meninas do que nos meninos. Por outro lado, Kohlberg, ainda que salientasse a observação de adolescentes, seguiu os passos de seu precursor no que se refere à construção de percursos do pensamento para o julgar moralmente construindo seis estágios dentro de três níveis de julgamento moral (FREITAS, 2013). Gilligan assinala que para a descrição dos seis estágios, Kohlberg (1992):

Baseou-se empiricamente em estudos feitos exclusivamente com homens, desconsiderando a visão feminina. Consequentemente, ao realizarem julgamentos morais a partir do critério do cuidado com os outros e do interesse em se manter as relações interpessoais, as mulheres são subavaliadas pela escala de Kohlberg (1992), pelo equívoco, segundo a pesquisadora, de suas respostas serem interpretadas como se tomassem por base para a ação moral o desejo de agradar ou obter o reconhecimento dos outros (CAMARA; ANDRADE, 2014, p.743)

Kohlberg, chegou a excluir indivíduos do sexo feminino de suas pesquisas iniciais sobre o desenvolvimento moral e quando incluiu meninas nas suas pesquisas com dilemas morais, em sua maioria, elas não passavam do terceiro estágio da escala de desenvolvimento a qual ele propôs. Em sequência, Kohlberg concluiu que mulheres tendem a ser inferiores moralmente por não passar do terceiro estágio pois as decisões morais estão intimamente ligadas à responsabilidade presente nos círculos de relacionamentos.

Com base nesses achados de Kohlberg, Gilligan indaga se o problema está no “desenvolvimento das meninas ou na escala de Kohlberg, levando em conta que a noção de desenvolvimento moral proposto não abrange a completude das experiências humanas que afetam diretamente ou indiretamente o desenvolvimento moral humano” (KUHNNEN, 2014, p. 2004).

Logo, Gilligan (1982) conclui que a teoria e os estudos feitos por Kohlberg não são adequadas para avaliar o desenvolvimento moral de meninas e mulheres, pois de um lado, as mulheres, tem uma orientação fundamentada em uma estrutura de raciocínio moral que tendem ao cuidado e bem-estar, do outro, priorizam o outro ao invés do Eu, a Ética do Cuidado (*Care Ethics*). Já os homens, são orientados por uma Estrutura de Justiça, correspondente à teoria kohlberiana. Gilligan sugere que o problema se encontra na Teoria e não na moral das mulheres. (SILVA, 2020, p. 176).

A pesquisadora que é considerada referência obrigatória como precursora do debate sobre cuidado e gênero, propôs um novo enfoque de ética, fundamentada na crítica às teorias de autores clássicos na psicologia cognitiva e no estudo do desenvolvimento moral, como Jean Piaget, Lawrence Kohlberg, assim como Sigmund Freud. Esses autores têm em comum, de maneira diferente, a ideia de que indivíduos do sexo feminino apresentam falha em seu desenvolvimento moral. A autora destaca que mulheres seguem um princípio moral diferente, tendem a dar prioridade ao outro, a cuidar do outro, o que vai além do princípio de justiça (MONTENEGRO, 2003).

O padrão moral se fundamenta, muitas vezes na deontologia, que é uma parte da filosofia moral, e trata-se da consciência de deveres e a moral e sobretudo, sobre a consciência do poder de escolhas dos indivíduos, que é extremamente necessário moralmente, para nortear as ações de cada um. No entanto, essa teoria fundamenta-se em um padrão moral de justiça, geralmente masculino, como a teoria de Kohlberg. Gilligan, por sua vez, dá voz ao desenvolvimento moral de mulheres, apresentando estudos que dão uma nova perspectiva em relação ao desenvolvimento moral de homens e mulheres.

A obra de Gilligan (1990) sugere que a tradição deontológica da teoria moral exclui e desvaloriza a experiência de vida moral específica e afetiva das mulheres. Ela efetuou novos estudos os quais apontaram discrepâncias no paradigma básico do estudo de desenvolvimento do julgamento moral segundo Kohlberg, em relação às mulheres. (FALCADE-PEREIRA 2010, p. 36)

A ideia embrionária da diferença de percepção da realidade entre homens e mulheres é explorada por Gilligan em seu livro - *In a different voice: Psychological Theory and Women's development* – publicado em 1982, em que descreve duas formas do pensar ético. Estas duas formas são apresentadas e identificadas cultural e contextualmente como masculinas e femininas, e são ilustradas como o “corte umbilical com a mãe”, que para os homens é uma necessidade para o processo de individuação e autonomia, já para as mulheres não existe a necessidade de separação, ocorre o inverso, e há problemas no processo de individuação. E assim, nasce o princípio do norteamento ético, o ideal que as mulheres têm de si mesmas como cuidadoras. (TOLDY, 2015 p. 586).

Essas duas vozes, são permeadas por orientações diferentes, uma pela ética do cuidado e outra pela ética da justiça e se expressam com elementos característicos de cada uma dessas vozes, apresentados logo abaixo, no Quadro 2:

| A voz dos homens | A voz das mulheres |
|---------------------------|-------------------------------|
| Teoria | Modelo |
| Justiça/Gratificação | Racional |
| Autonomia Individual | Emocional |
| Independência | Impacto nas relações |
| Regras/ Estritas | Eu-em-relação |
| Direitos Individuais | Compaixão |
| Conflitos de direitos | Responsabilidade |
| Certo/ Errado | Preocupação e cuidado |
| Aqui e agora | Abstração |
| Rapidez | Contextualização |
| Menos centrado no cuidado | Focalização no futuro |
| Hierarquia/ comando | Criação de expectativas |
| Receio de intimidade | Várias “tonalidades” |
| | Interdependência |
| | Redes laterais relacionais |
| | Orientação para as pessoas |
| | Evitação da dor |
| | Receio de falta de intimidade |

Fonte: Gilligan (1984 *apud* Marinho, 2004, p.76)

Gilligan identifica a voz diferente pertencente às mulheres, como a voz do cuidado e se opõe à voz da justiça existente nos homens. Seus estudos sugerem que

o mesmo caminho do desenvolvimento moral e a evolução do conceito de moralidade são os mesmos para as mulheres, pois desde muito cedo em suas vidas acreditam que o cuidado com os outros seja o mais importante. Nas relações com o outro, procura-se arrumar as coisas para que o outro não seja magoado ou que fique mal. O que nos aponta para uma crise vivida pela mulher que busca a sobrevivência de sua personalidade em meio às relações. (LIMA, 2004, p. 19).

O conceito de ética do cuidado nos leva a pensar a moralidade além da perspectiva em princípios, regras, direitos e noções de justiça.

Pensadoras feministas como Gilligan, procuram preencher o vazio ético deixado pelas teorias morais consolidadas nas relações humanas. E para isso, voltam-se para a própria experiência histórico-social, e entendem o ato de cuidar como elemento fundamental de uma teoria moral. O modelo de desenvolvimento moral amplo de Carol Gilligan sugere a complementaridade entre as duas orientações ou vozes morais identificadas. A proposta feminista da ética do cuidado se manifesta como uma crítica à forma de se perceber a ética abordando de modo restritivo, os problemas morais. Por meio da noção de complementaridade entre as vozes morais se reconhece um novo universalismo moral, que se torna uma forma mais completa e confiável de teorizar a moralidade. (KUHLEN, 2014, p 200).

Por meio do método científico qualitativo, Gilligan estabelece uma nova forma de concepção de se pensar a moral e a ética no campo da psicologia, “diferentemente da lógica já consolidada, uma ideologia dominante, capitalista, contratualista e burguesa, [...] erroneamente denominada por ética da justiça”. (BRAUNSTEIN, 2012, p. 82). A autora propõe uma nova perspectiva pensada além da teoria hierarquizada com base em estágios de desenvolvimento moral e que certamente impõe, erroneamente inferioridade moral às mulheres.

Esse método foi construído após cinco anos de uma de suas investigações, que era sobre identidade e desenvolvimento do raciocínio moral, quando primeiro ela começou a ouvir dois modos diferentes de falar sobre problemas morais, sobre julgamento e ação em uma situação de conflito e escolhas morais entre opções, dois modos de relatar o relacionamento entre o outro e o eu, e segundo começou a observar problemas recorrentes ao interpretar o desenvolvimento das mulheres e associar esses problemas com a reiterada exclusão das mulheres dos estudos teorizantes críticos da pesquisa psicológica. (PEREIRA, 2020, p. 8)

De acordo com Marinho (2004, p. 75 – 76) Gilligan reorganiza os conteúdos e os níveis de desenvolvimento moral estabelecidos por Kohlberg e propõe uma nova estrutura para mulheres:

- a) O primeiro estágio se caracteriza como egoísta e individual, tipicamente infantil, voltados para si próprio.
- b) O segundo se apresenta como moral tradicional, que há tempos vem sendo seguido culturalmente, as moças aprendem a cuidar e se preocupar com o bem-estar dos outros, como: os irmãos mais novos, pais e avós. Constitui-se como errado a ideia de se voltar para os seus próprios interesses, dessa forma, pode ocorrer a priorização dos interesses dos outros ao invés dos seus e até mesmo fazer alguns sacrifícios em prol dos interesses dos outros.
- c) O terceiro é o estado pós-convencional compreende o processo de aprendizagem em equilibrar os dois tipos de interesse, e nenhum deve ser negligenciado, pois o fundamental é a relação com o outro, e se o outro não estiver bem, compromete a relação, surgindo assim um dilema ético-moral.

Os relacionamentos e as questões de dependência e independência são vivenciados diferentemente por homens e mulheres, como afirma Gilligan:

Consequentemente, os relacionamentos, e sobretudo as questões de dependência, são vivenciadas diferentemente por mulheres e homens [...]. Uma vez que a masculinidade se define através da separação enquanto a feminilidade define-se através do apego, a identidade de gênero masculina é ameaçada pela intimidade, ao passo que a identidade de gênero feminina é ameaçada pela separação. (GILLIGAN, 1982, p. 18)

Essa diferença descritiva do desenvolvimento infantil vai fazer a grande diferença na vida das mulheres, pois a incapacidade de se separar da mãe define-se como uma incapacidade de se desenvolver.

Gilligan (1990) argumenta que a sensibilidade apresentada por mulheres, é desenvolvida desde a infância por meio da diferenciação na educação: meninos não são permitidos expressar sentimentos e emoções e, meninas, não lhes permitem pensar logicamente, usar a inteligência e ser independente.

Essa diferença pode ser vista explicitamente no modo em que as crianças são tratadas pelos adultos e responsáveis, especialmente quando se trata de cuidados e atitudes que se divergem.

Para Beauvoir (1980) e Louro (2010), o tratamento dos adultos e pais vai se diferenciando no que tange aos cuidados e às atitudes em relação aos meninos e meninas. As meninas são tratadas como frágeis, suas vestimentas são delicadas e macias, continuam bem perto dos afagos e carinhos, enquanto aos meninos lhe são negados tantos cuidados e logo cedo são jogados à angústia da solidão efetiva e independência: “um homem não chora”, “um homem tem que ser forte”. Muitas crianças têm medo de crescer temerosas do abandono adulto. (FALCADE-PEREIRA, 2010, p. 101- 102).

Para Gilligan, esse padrão que é apresentado desde a infância é seguido também na fase adulta, e resume-se em mulheres tendendo a preservar e cuidar das relações, mesmo com mudanças nas relações afetivas, enquanto homens, em sua maioria, já não dão tanta importância para os relacionamentos. (MARINHO, 2004, p. 74).

3.2 ORIENTAÇÕES MORAIS E SUA RELEVÂNCIA PARA A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

Gilligan desenvolve uma crítica em referência à Psicologia Moral cognitivo-desenvolvimentista, que concebe o espaço para os estudos sobre o desenvolvimento moral humano, excluindo indivíduos do sexo feminino. Para a pesquisadora, essa forma de conduzir a pesquisa invisibiliza a voz das mulheres nas teorias da moralidade.

Abrir espaço e ouvir a voz diferente da moralidade é o meio para a transformação da estrutura patriarcal na qual a sociedade está inserida, transformação essa que, anseia por mais igualdade nas relações de poder entre homens e mulheres e que possibilita combater o machismo e submissão do sexo feminino pelo sexo masculino. Procura, acima de tudo, reconhecer o potencial da complementariedade entre as diversas orientações morais.

Ao padronizar apenas uma voz na teoria moral, podendo ser ela masculina ou feminina, perpetua o aspecto de dominação sobre o outro e se, a perspectiva feminista sugere se opor ao dualismo hierárquico que se apresenta nas relações de poder, defender uma ética de cuidado como orientação de princípios éticos é dar continuidade no pressuposto de dualismo e ainda incorre em concretizar o estereótipo de que

mulheres são orientadas por emoções e sentimentalmente mais frágeis. (III SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2014, p.4).

Gilligan expõe categoricamente em *Joining the Resistance* (2011) que a imaturidade moral de homens e mulheres está afeiçoada à estrutura patriarcal, assim como a definição de papéis sociais como masculino e feminino. Para uma ética do cuidado requer transformação social, pois em uma sociedade patriarcal o cuidado é atrelado ao feminino, “não se permite que o cuidado seja uma característica universal, mas somente uma qualidade feminina que sustenta uma ética feminina” (KUHLEN, 2015, p. 153) ouvir a voz diferente da moralidade é a chave para a transformação social, nas palavras de Gilligan:

Em meio a uma estrutura patriarcal, o cuidado é uma ética feminina. Em meio a uma estrutura democrática, o cuidado é uma ética humana. A ética do cuidado feminista é uma voz diferente em meio a cultura patriarcal porque ela junta razão com emoção, mente com corpo, self com relacionamentos, homens com mulheres, resistindo às divisões que mantêm uma ordem patriarcal. (GILLIGAN, 2011, p. 22-23).

Ainda que Gilligan direcione grande parte de seu livro às mulheres, o seu último capítulo - Versões da maturidade – mostra essa voz do cuidado presente nos homens. Por mais que predomine nas mulheres e que o desenvolvimento moral seja diferente, não exclui o homem de possuir a voz do cuidado, visto que seus estudos se voltam para a identificação e evidenciação de uma ética distinta da justiça proposta por Piaget e Kohlberg. Gilligan, por sua vez, por meio da ética do cuidado, concebe a moral e o seu desenvolvimento a partir da ideia da compreensão da responsabilidade e dos relacionamentos. Em estudos mais recentes, a autora salienta que homens e mulheres são capazes de dispor os dois princípios ao se deparar com situações de conflitos morais, as duas lógicas de resoluções – orientação de justiça ou cuidado, se manifestam distintivamente, pois homens e mulheres são aptos a mudar de orientação, essa variação está ligada ao dilema moral no qual venham estar (LIMA, 2004)

Diante do exposto, para La Taille (1998), as teorias de Piaget e Kohlberg continuam sendo as mais fortes referências para os estudos sobre a moralidade humana, no âmbito da Psicologia, apesar das turbulências que atingiram tanto a definição do objeto a ser estudado quanto as variáveis psicológicas escolhidas para explicar o desenvolvimento moral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender o desenvolvimento moral a partir da perspectiva cognitivo-desenvolvimentista. A seguinte abordagem nos remete ao conceito de estágios, relacionados com a idade, construídos de maneira ativa pelo sujeito, como sujeito moral. Os estágios são entendidos da mesma forma que o desenvolvimento cognitivo piagetiano.

Entende-se que existe um desenvolvimento da moral, que todos passamos por estes estágios, que são universais e uma vez alcançados não se pode retroceder. Dentro dessa lógica, Piaget e Kohlberg, colocam ênfase no componente cognitivo-estrutural da moralidade. Os autores apresentam uma teoria sobre o desenvolvimento da moral, que tem como aspecto central da moralidade as razões cognitivas subjacentes à ação moral, as quais são expressas em diferentes estágios de raciocínio moral.

Piaget, foi pioneiro em organizar o desenvolvimento moral sistematicamente, entendendo que a dimensão moral do desenvolvimento psicológico se refere ao respeito, por parte do indivíduo, pelas regras sociais e ao desenvolvimento do sentido de justiça no sentido da reciprocidade e da igualdade. Nas palavras do próprio autor “toda moral consiste num sistema de regras, sendo a essência da moralidade estudar o respeito que a pessoa vai adquirindo por essas regras”. Para Piaget, a moral se desenvolve em 3 estágios: anomia, heteronomia e autonomia, sua aspiração consistia em observar como ocorre a adaptação progressiva do sujeito às regras e à consciência que possui das mesmas, à medida que amadurece cronológica e cognitivamente

Mesmo concordando com Piaget, Kohlberg amplia e aprofunda os conceitos piagetianos. A metodologia utilizada para suas pesquisas é por meio de um instrumento, criado por ele, com uma série de dilemas morais. Estes dilemas, podem ser hipotéticos, quando mais abstratos e difíceis de ocorrerem, ou reais, quando encontrados mais facilmente no cotidiano da vida real.

Kohlberg tenta descobrir a estrutura do juízo moral, ou seja, lhe interessa saber como a pessoa estrutura o pensamento para chegar à resposta a estes dilemas. A partir das respostas dos dilemas, ele estrutura três níveis e seis estágios do desenvolvimento moral. Estes níveis representam três perspectivas diferentes que as

peças podem adotar em relação as normas da sociedade. Enquanto os estágios apresentam as razões que o sujeito utiliza para identificar uma ação como boa ou má.

Gilligan foi colega de Kohlberg, trabalhando com os dilemas morais. Quando a pesquisadora publica seus primeiros estudos, a autora sugere que as mulheres possuem uma moral distinta daquela proposta por Piaget e Kohlberg, ou seja, os raciocínios morais das mulheres diferiam dos homens. Alguns anos depois, a autora conclui que a teoria de Kohlberg não é adequada para avaliar as mulheres, visto que, as mulheres partem de uma estrutura de raciocínio moral que prioriza o cuidado e o bem-estar do outro, definido como a ética do cuidado. Os homens, segundo Gilligan, partem de um estrutura de justiça. Nesse sentido, a autora afirma que as diferenças entre homens e mulheres encontradas por Kohlberg se devem a um problema metodológico.

Em seus estudos, Gilligan identificou duas orientações morais – uma pautada no cuidado e sacrifícios em prol do outro, geralmente presentes em mulheres e outra fundamentada na justiça e regras mais rígidas e inflexíveis, majoritariamente presente em homens. A autora descreveu que essas duas orientações são construídas culturalmente e socialmente, que se iniciam desde a infância, quando o modo de tratamento com as crianças se diferencia de acordo com nosso sexo e essa construção permanece na fase adulta, pois nossa sociedade é mergulhada na cultura do patriarcado.

Pode-se constatar que a concepção tanto de Kohlberg como Gilligan apresentam aspectos relevantes e complementares, porque entende-se que nem a justiça, nem o cuidado pode ser desconsiderado nos estudos da moral. Talvez, seja importante haver uma reestruturação do pensamento moral e, para isso, a chave seria o equilíbrio dos dois pontos de vista para a compreensão do desenvolvimento moral.

A modo de conclusão, é importante sinalizar que esta pesquisa não teve como objeto de estudo, a internalização do valores morais, ou seja, “quando os valores deixam de ser leis impostas por agentes externos e convertem-se em diretrizes internas, legitimadas pela própria pessoa” (MÜLLER; ALENCAR, p.456, 2012). Ou dito de outra forma, como a pessoas internalizam os valores morais. Visto que, a abordagem adotada se contrapõe a uma lógica de internalização passiva das normas sociais externas.

No entanto, não se pode deixar de mencionar que apesar da perspectiva cognitivo-desenvolvimental centrar sua atenção no componente cognitivo da

moralidade, não nega a importância da socialização. Para Piaget, a criança constrói a lógica, por meio das interações com outros. Portanto, a escola pode contribuir para o desenvolvimento da moral, criando contextos que privilegiem o diálogo, possibilidades de agir com autonomia, de cuidado mútuo, de reflexão às regras e aos dilemas morais. Enfim, contextos democráticos, que os meninos e meninas possam questionar, duvidar e apresentar novos pontos de vistas. Estas questões merecem ser enfocados em futuras pesquisas.

No que se refere às dificuldades enfrentadas na construção desta pesquisa, pode-se apontar a etapa de levantamento de dados, a linguagem não é tão acessível, pois os dados fazem parte do campo da Psicologia Moral, que possui uma complexidade para um pesquisador iniciante.

De modo geral, espera-se que este estudo possa contribuir com a discussão sobre o desenvolvimento da moral. Pode-se observar a escassez de trabalhos sobre o desenvolvimento da moral no campo da Pedagogia. Esta pesquisa aponta sobre a importância de o profissional da educação compreender o desenvolvimento da moral, para poder fazer as intervenções adequadas, dentro de um contexto democrático e participativo.

Compreendendo as limitações, a importância e a complexidade deste tema, espera-se que outras pesquisas possam ser realizadas a fim de ampliar os conhecimentos frente este assunto, que tem grande importância no contexto educacional. Nesse sentido, sugere-se para trabalhos futuros, o estudo do desenvolvimento moral, principalmente, no que diz respeito à diferenciação moral de meninos e meninas

REFERÊNCIAS

- BATAGLIA, Patricia Unger Raphael; MORAIS, Alessandra de; LEPRE, Rita Melissa. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 25-32, abr. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2010000100004>
- BRAUNSTEIN, Hélio Roberto. **Ética do cuidado**: das instituições de cuidado e pseudo cuidado. 2012. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia - Ipusp, Universidade de São Paulo - Usp, São Paulo, 2012. Cap. 2.
- CAMARA, Luiz; ANDRADE, Marcelo. EDUCAÇÃO MORAL E DIVERSIDADE: DIÁLOGOS A PARTIR DE HABERMAS E KOHLBERG. **Educação e Filosofia Uberlândia**, Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 729-755, jul. 2014. Semestral. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/educacaofilosofia/article/download/17429/15319>. Acesso em: 26 set. 2020.
- Coimbra, J. L. (1990). Desenvolvimento interpessoal e moral. In B. P. Campos (Coord.), *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens, Vol. II* (pp.18-29). Porto: Universidade Aberta.
- DELVAL, J.; ENESCO, I. *Moral, desarrollo y educación*. Madrid: Anaya-Alauda, 1994.
- FALCADE-PEREIRA, Ires Aparecida. **Ética do cuidado x ética da justiça**: o olhar feminino de estudantes privadas de liberdade. 2013. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Cap. 4.
- FINI, Lucila Diehl Tolaine. Desenvolvimento Moral: De Piaget a Kohlberg. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 9, n. 16, p. 58-78, jan. 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9127> . Acesso em: 03 maio 2020.
- FREITAS, L. B. L. Do mundo amoral à possibilidade de ação moral. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 12, n. 2, 1999.
- FREITAS, Lia. A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado. São Paulo: Cortez, 2003.
- GALVÃO, Lilian Kelly de Sousa; CAMINO, Cleonice Pereira dos Santos. Julgamento moral sobre pena de morte e redução da maioria penal. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 228-236, ago. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822011000200003>.
- GILLIGAN, Carol. **Joining the resistance**. Malden: Polity Press, 2011. 208 p. (978-0-7456-6345-6).

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. [S. l.]: Editora Rosas dos Tempos, 1982. 190 p. (85-85363-03-7). Tradução de Nathanael C. Caixeiro.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 150 p.

LA TAILLE, Yves de. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.15, n.1, p.13-25. 2002(a).

LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Artmed Editora, 2007.

LOURENÇO, Orlando Martins. **Psicologia do Desenvolvimento Moral**: teoria, dados e implicações. Coimbra: Almedina, 1992. 261 p.

KADOOKA, Aline; LEPRE, Rita Melissa; A EVANGELISTA, Vitor de Moraes. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MORAL DE KOHLBERG. **Colloquium Humanarum**, [s.l.], v. 12, n. , p. 1607-1614, 20 out. 2015. Associação Prudentina de Educação e Cultura (APEC). <http://dx.doi.org/10.5747/ch.2015.v12.nesp.000788>

Kuhnen, T. (2014). Epistemologia feminista e a reconfiguração da filosofia moral. *Sapere Aude*, 5(9), 196-219. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/7669>

KUHNEN, Tânia Aparecida. **O PRINCÍPIO UNIVERSALIZÁVEL DO CUIDADO: SUPERANDO LIMITES DE GÊNERO NA TEORIA MORAL**. 2015. 383 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina – Ufsc, Florianópolis, 2015. Cap. 2.

LEPRE, Rita Melissa; MARTINS, Raul Aragão. Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. **Paidéia (ribeirão Preto)**, [s.l.], v. 19, n. 42, p. 39-45, abr. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2009000100006>.

LIMA, Vanessa Aparecida Alves de. De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia um caminho para o estudo das virtudes. : retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia um caminho para o estudo das virtudes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 24, n. 3, p. 12-23, set. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932004000300003>.

LYRA, Vanessa Bellani. O Desenvolvimento Moral Humano: perspectivas e contribuições da teoria de Lawrence Kohlberg. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 7, n. 3, p. 601-613, mar. 2009. ISSN 1984-7114. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/926> . Acesso em: 05 maio 2020.

MACEDO, Alex Araújo. **MORALIDADE NA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO ESCOLAR**: desenvolvimento e julgamento moral. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2014. Cap. 1. Disponível em <http://bdtd.uftm.edu.br/bitstream/tede/252/5/Dissert%20Alex%20A%20Macedo.pdf> . Acesso em: 06 maio 2020

MONTENEGRO, Thereza. Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 493-508, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2003000200008>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200008#back19. Acesso em: 26 ago. 2020.

PEREIRA, Viviane Magalhães. O problema da fundamentação da moral e a ética feminista. **Veritas (Porto Alegre)**, [S.L.], v. 65, n. 1, p. 1-12, 15 maio 2020. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2020.1.36862>.

PIAGET, J. Le jugement moral chez l'enfant. Paris: PUF, 1992. (Originalmente publicado em 1932)

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994. (8532304575). Tradução de Elzon Lenardon.

PIAGET, Jean. Os procedimentos da educação moral. In: PIAGET, Jean. **Cinco Estudos de Educação Moral**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. Cap. 1. p. 1-36. (85-85141-67-0). Tradução de Maria Suzana de Stefano Menin.

QUEIROZ, Kelly Jessie Marques; DE LIMA, Vanessa Aparecida Alves. Método Clínico piagetiano nos estudos sobre Psicologia Moral: o uso de dilemas. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 3, n. 5, 2010.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. Organismo, lógica e sociedade no modelo piagetiano do conhecimento. In: FREITAG, B. (Org.). Piaget: 100 anos. São Paulo: Cortez, 1997

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. Ética. Tradução de João Dell'Anna. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

SILVA, Matheus Estevão Ferreira da. CAROL GILLIGAN E A ÉTICA DO CUIDADO NA PRODUÇÃO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO MORAL DE TRÊS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU (2008-2019). **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 166-204, 6 ago. 2020. Faculdade de Filosofia e Ciências. <http://dx.doi.org/10.36311/1984-1655.2020.v12n1.p167-205>.

SILVA, Gilberto Ribeiro e. O desenvolvimento da moralidade em Piaget e Kohlberg. **Paradigmas: Filosofia, Realidade e Artes**, Santos, v. 13, n. 3, p. 6-6, abr. 2003. Bimestral. Disponível em: www.paradigmas.com.br. Acesso em: 05 maio 2020

TOLDY, Teresa Maria Leal de Assunção Martinho. DA ÉTICA DO CUIDAR AO UNIVERSALISMO INTERATIVO. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 25, n. 4, p. 585-595, out./dez. 2015.

VALE, Maria do Carmo. O Desenvolvimento Moral da Criança. **Revista Portuguesa de Pediatria (antiga Acta Pediátrica Portuguesa)**: Ponto de Vista, Lisboa, v. 33, n. 5, p. 301-304, 19 set. 2014. Disponível em: <https://pjp.spp.pt//article/view/5198>. Acesso em: 06 maio 2020.

Valente, M. O. A Educação para os Valores. in E. L. Pires, O Ensino Básico em Portugal. Rio Tinto: ASA. 2002

.III SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., 2014, Londrina. **Teorias Feministas: A ética do cuidado como teoria feminista.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. 9 p. Disponível em:
http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_T%C3%A2nia%20Aparecida%20Kuhnen.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.